



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO: JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: SIDNEI VOLKMANN

**DISCURSO E PODER**  
**Uma análise da construção discursiva que compõe o telejornalismo brasileiro**

**Armando Mercadante Neto**  
Ra: 2038660/1

Brasília/DF, outubro de 2007.

**ARMANDO MERCADANTE NETO**

**DISCURSO E PODER**

**Uma análise da construção discursiva que compõe o telejornalismo brasileiro**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Sidnei Volkmann

Brasília/DF, outubro de 2007.

# **ARMANDO MERCADANTE NETO**

## **DISCURSO E PODER**

**Uma análise da construção discursiva que compõe o telejornalismo brasileiro**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. Orientador: Sidnei Volkmann

### **Banca examinadora:**

---

Prof. Ms. Sidnei Volkmann  
Orientador

---

Prof. Historiador Deusdedith Alves Rocha Junior  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Magda Lucio  
Examinadora

Brasília/DF, outubro de 2007.

Dedico este trabalho a meus pais,  
Vagner Mercadante *in memoriam* e  
Mariza Rodrigues Mercadante por  
sempre me apoiarem e acreditarem no  
meu potencial.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para prosseguir. Agradeço à minha família, aos meus amigos: Kadú Rispoli e Stanley Gehren. Agradeço a colaboração: Vanessa Resende, José Luiz Centeno Braun, Maira Barbosa de Andrade e Mariana Carvalho Braun. Em especial minha amada Priscilla por ter compreendido a falta de tempo e a paciência nesta reta final.

“... perdemos o direito de chamarmo-nos americanos.” “Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação”.

“A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominantes de fora – é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de besta de carga”.

***Eduardo Galeano***

## RESUMO

Neste trabalho analisou-se o discurso proferido pelo jornalista, apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional William Bonner. A pesquisa detectou as conseqüências geradas quando esse jornalista utiliza a palavra “americano” aos Estados Unidos da América, excluindo direta ou indiretamente os outros países que compõe o continente “Americano”. O método escolhido para pesquisa é a análise de discurso. Pelas teorias de comunicação e lingüística foi possível estudar o efeito desse discurso e entender o processo de influência e colonização cultural.

**Palavras-chave:** *colonialismo cultural, jornalismo, discurso, poder, massificação, América, Estadunidense.*

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b>	9
<b>2 Colonialismo</b>	10
2.1 História do Colonialismo	10
2.2 Definição de Colonialismo	11
2.3 Tipos de Colonialismo	12
2.3.1 Colonialismo militar	12
2.3.2 Colonialismo econômico	13
2.3.3 Colonialismo cultural	16
<b>3 Teorias</b>	18
3.1 Tipos de Teoria	18
3.1.1 Mass media	18
3.1.2 Hipodérmica	20
3.1.3 Funcionalista	21
3.1.4 Culturalológica	21
3.1.5 Indústria cultural	22
<b>4 Discurso e Linguagem</b>	23
4.1 Discurso	23
4.2 Linguagem	26
4.3 Discurso e Linguagem como forma de poder	27
<b>5 Jornalismo</b>	28
5.1 Definição de Jornalismo	28
5.2 Imparcialidade e Jornalismo	29
5.3 Jornalismo na televisão	31
<b>6 Jornal Nacional</b>	32
6.1 História do Jornal Nacional	32
6.2 Jornal Nacional x Discurso e Poder	33
6.2.1 Estados Unidos da América e não Estados Unidos é a América	34
6.2.2 Análise: Jornal Nacional X Discurso e Poder	36
<b>7 Conclusão</b>	39
<b>8 Referências Bibliográficas</b>	40

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema Discurso e Poder. Pretende investigar a importância de alguns termos que compõem a construção discursiva de um campo de poder no telejornalismo brasileiro. Buscar-se-á identificar o uso da cultura estadunidense na apresentação do Jornal Nacional como forma de influência de massa. O foco proposto aqui é analisar o discurso do jornalista, apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional William Bonner, quando esse jornalista de credibilidade nacional, emite no seu discurso o termo “americano” ao cidadão nascido nos “Estados Unidos da América”, excluindo, direta ou indiretamente, o resto dos países que compõem o continente “Americano”. Aferindo assim, a possível existência de colonialismo cultural, um meio no qual altera sutilmente a cultura de um grupo de indivíduos por meio da manipulação dos meios de comunicação, faz-se com que, muitas vezes, estes sejam desapossados de parte dos seus bens culturais. Mostrar-se-á as formas de estratégia usada pelo imperialismo para manter seus pilares e estrutura colonial.

A escolha do objeto Jornal Nacional foi baseada por ser um dos telejornais mais antigos do país e na possível influência que ele exerce nas vidas dos cidadãos brasileiros. Uma outra questão que decidiu na escolha foi a de seu apresentador ser o próprio editor-chefe. Tendo assim, uma responsabilidade ainda maior nas notícias que são veiculadas pelo jornal. O trabalho mostrará como é a estrutura do Jornal Nacional e sua evolução histórica.

Este trabalho terá com base as teorias de comunicação e o entendimento da linguagem propiciando, assim, identificar e compreender se há “colonialismo cultural” com influência política-cultural dos Estados Unidos na cultura brasileira. Buscar-se-á entender o que é o jornalismo, qual o seu papel e sua responsabilidade. Além disso, identificar a relação entre o jornalismo e a televisão e seu compromisso com a ética.

## 2 COLONIALISMO

### 2.1 História do Colonialismo

Desde os tempos mais remotos, a busca pela hegemonia do poder sempre instigou as grandes nações. E, assim, conseqüentemente, invocou o estímulo da competitividade em busca de mais espaço territorial no globo terrestre. A briga pelo capital, território e por mão-de-obra barata desencadeou o chamado colonialismo. De acordo com Petras (Revista PUCVIVA nº 06), há três tipos de colonialismo: o colonialismo militar, o colonialismo econômico e, por fim, o mais usado nos dias de hoje e o que daremos mais ênfase em nossa discussão, o colonialismo ou neocolonialismo cultural. De acordo com o sociólogo James Petras, as características principais do novo colonialismo dos EUA são multidimensionais: política, econômica, militar e cultural. Por isso é um sistema, colonial e, não simplesmente, um imperialismo econômico ou colonialismo cultural. “É um sistema multifacetado”.

Catani (1985 p. 36 – 37) fala sobre o início do colonialismo e aponta outros países que souberam usa-lo, e explica que a política Colonial e o Imperialismo existem antes do capitalismo. Roma, baseada na escravatura, manteve uma política colonial e exerceu o imperialismo. E, quanto aos dias de hoje faz uma comparações entre os métodos da “grande Roma com a Grã-Bretanha”.

Segundo Petras (2000, p.25), na América Latina, o colonialismo norte-americano começou a formar o eixo hegemônico imperialista desde 1930 até meados de 70. Explica que já naquela década os movimentos nacionalistas, populistas e sócio-democratas, questionavam elementos do projeto imperialista. Com o decorrer dos anos, Petras (2000, p.21), enfatiza as últimas duas décadas de desenvolvimento capitalista na América Latina. O autor explica que tem sido um período de prosperidade jamais igualada para os bancos e corporações multinacionais norte-americanas, bem como o poder político quase incontestado exercido de Washington. Um outro ponto destacado por Petras (2000, p.21) é a questão da “globalização”. Segundo ele, apesar do consenso intelectual que formou-se em torno do tema, a dinâmica desse

desenvolvimento na América Latina pode ser entendida em termos do funcionamento do imperialismo euro-americano.

## 2.2 Definição de Colonialismo

De acordo com o dicionário Aurélio, colonialismo quer dizer: Sistema ou orientação política tendente a manter sob domínio, inclusive o econômico, as possessões de determinado Estado. Alguns teóricos preferem usar o termo neocolonialismo para distinguir do antigo colonialismo, conceituando-o como uma nova forma de colonização. Quanto à definição de neocolonialismo o Aurélio traz como: “domínio que um país exerce sobre outro, menos desenvolvido, não por sistema ou orientação política, mas pela influência econômica e/ou cultural”. Outra palavra bastante usada para definir o domínio de um país sobre o outro é o Imperialismo. Esse último, o dicionário Aurélio conceitua-o como: “Política de expansão e domínio territorial e/ou econômico de uma nação sobre outras”. Outra definição para o significado de imperialismo, que traduz bem os efeitos de um colonialismo, de acordo com Catani: “O imperialismo é uma fase monopolista do capitalismo”. Entretanto, é necessário para se caracterizar o imperialismo uma definição que inclua cinco traços fundamentais, quais sejam:

*a concentração da produção do capital num grau elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica. - a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseado nesse “capital financeiro, da oligarquia financeira”; - a exportação de capitais, diferente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particular grande;- a formação de associações monopolistas de capitais, que partilham o mundo entre si; e - o término da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes. (1985 p. 39)*

Dados esses princípios do imperialismo, é possível observar que, no mundo contemporâneo, sofremos a interferência de todos esses quesitos. Há uma outra constatação afirmada por Ferro (2004 p.17), ele descreve o colonialismo como uma espécie de totalitarismo, e aponta uma outra figura “negra” do colonialismo chamada por ele como quadriculação do espaço com a implantação de cultura forçada (2004 p.27). Entende-se assim, que um dos interesses e agentes que instigam e fazem

perpetuar o colonialismo são os benefícios trazidos pelo capitalismo. De acordo com o pensamento Weberiano, citado por Catani (1999, p.12), o capitalismo moderno pode ser caracterizado como um vasto complexo de instituições interligadas que trabalham mais na prática econômica racional que na especulativa. Compreende, particularmente, empresas que operam com inversão de capitais “a longo prazo” em uma oferta voluntária de trabalho, no sentido jurídico da palavra; “em uma divisão de trabalho planejada no interior das empresas e em uma distribuição das funções de produção entre umas e outras mediante o funcionamento de uma economia de mercado”.

## **2.3 Tipos de Colonialismo**

### **2.3.1 Colonialismo militar**

A história da humanidade mostra alguns homens e fatos que contribuíram com o colonialismo militar. Essa forma de colonialismo tem registro desde o início da civilização e imperou durante anos por todo o planeta. Há alguns registros de colonialismo militar que marcou a história usando a política-imperialista no objetivo de dominar o mundo. No ano de 338 a.C, Alexandre, o Grande, tinha apenas “18 anos” quando começou a usar a estratégia do colonialismo militar para conquistar diversos territórios. Seu talento militar se impôs sobre o Império Persa e assentou as bases da frutífera civilização Helenística. “Foi um dos maiores conquistadores que a História tem registro” (revista época). Ele se tornou rei da Macedônia em 336 a.C. Controlou as cidades-estado gregas, venceu o império persa, que se estendia por quase todo o Oriente Médio e chegou a invadir a Índia. A expedição da Ásia de acordo com Mossé (1994, p.404) Alexandre, desembarcou com 7.000 mil soldados de infantaria e 600 mil de cavalaria. Assim em dois anos Alexandre, o grande tinha se tornado senhor da Ásia.

Outro exemplo de colonialismo militar, que marcou a história, foi o Império Romano (século II a.c), de acordo com Guarinello (1994, p.39), expandiu seu poder por toda bacia do mediterrâneo com cerca de 130 mil soldados. Um outro autor que descreve a força romana é Savelle (1990, p.115), ele diz que o ataque do mediterrâneo, teve uma estratégia ramificada, atingindo toda a bacia. O domínio

centralizado estendeu-se por toda Península com exceção da região basca no noroeste. A lei romana tornou-se a lei da terra e o latim, sua língua oficial. E, assim, nas últimas décadas do terceiro século a.C, os romanos expulsaram os cartagineses e por fim, em 133 a.C, surgiram como senhores da Terra. Ainda sobre o colonialismo militar, um fato que marcou a história foi o da Segunda Guerra mundial. Quando o líder nazista Adolf Hitler, de acordo com Parker (1989, p.17), preparou os alemães para guerra em busca do expansionismo nazista e tentou com seu enorme poder bélico colonizar o mundo. O colonialismo militar mais recente é a invasão dos Estados Unidos no Iraque (fonte revista Época). Destituiu o governo local e tomou posse com a imposição bélica.

### **2.3.2 Colonialismo econômico**

Nessa definição econômica, o colonialismo é descrito por Catani (1985 p. 40) como capitalismo na fase desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro; adquiriu grande importância à exportação de capitais, e o mundo começou a ser partilhado pelos trustes internacionais. Sendo assim, a partilha do mundo foi feita entre os países capitalistas mais importantes, empossando-se dos territórios disponíveis. E, no sentido econômico, o capitalista representa em si, indubitavelmente, “uma fase particular de desenvolvimento do capitalismo”. E, segundo Catani (1999, p. 33) existem grandes as associações de monopolistas capitalistas (Cartéis, sindicatos, trustes).

Um exemplo do colonialismo econômico no início da civilização foi de acordo com Guarinello (1994, p.23) o imperialismo Ateniense V a.C que conseguiu desenvolver um forte monopólio comercial. De uma região, obtinha a madeira, de outra, o ferro, de uma terceira, o cobre e deste, o linho, e daquela, a cera. Qualquer aliado que quisesse exportar esses produtos dependia da permissão Ateniense. Outro que teve grande importância e de extrema relevância para história foi segundo Guarinello (1994, p.43), o imperialismo romano que, após ter conseguido expandir seu exército para conseguir conquistar outros territórios, exerceu seu poder econômico para manter suas colônias. Depois dessa fase o início do mercantilismo trouxe a luta pela expansão comercial. Segundo Deyon (1973, p.52), o pensamento mercantilista contribuiu com o

colonialismo econômico, pois por meio do comércio de bens de capitais a supremacia econômica ditou as regras. No século XVI a vontade de independência econômica dissimulava freqüentemente a ambição de dominar as potências estrangeiras. Estimula uma convicção de superioridade natural. “O mercantilismo exprimiu, em todos os países, uma dupla vontade de poder, busca de grandeza” Deyon (1973, P.51).

Segundo a análise feita por Petras (Revista PUCVIVA nº 06), nos dias de hoje, o comércio mercantil tem outras facetas. Fala das relações entre os EUA e a América Latina. Explica que os Estados Unidos estão comprando, como a Europa, os grandes setores estratégicos da economia: “telecomunicações, indústria pesada, mineração, petrolífera”. De acordo com o sociólogo, não é simplesmente introdução de capital em algum setor, “estão determinando os parâmetros para a tomada de decisões, a política de ajuste estrutural, de gastos, o tamanho do orçamento público, a distribuição de entrada de capital, as despesas do orçamento nacional, que também implica determinar os orçamentos estaduais e municipais”. Dentro das estruturas de decisão, para se efetivar os ocupantes dos postos mais importantes como “Fazenda, Finanças, Economia, antes têm de ser aprovados pelos bancos internacionais que são extensões de Soros, dos EUA”. Petras afirma que “é preciso conferir previamente se tais candidatos aos cargos são de confiança de Wall Street, do Banco Mundial etc.”. Ianni (1979, p.20), também faz duras críticas aos Estados Unidos, diz que, “a verdade é que tanto a industrialização de alguns países dependentes como a expansão das relações capitalistas na agricultura” (no mesmo ou outros países dependentes), têm sido, com freqüência, altamente determinadas pela “reprodução capitalista com centro nos países dominantes, particularmente os Estados Unidos”. Explica que em alguns casos, nos países dependentes em que surgiram políticas de industrialização, “o imperialismo trata de participar desse processo e consegue, às vezes influenciá-lo de maneira decisiva. Isso foi o que aconteceu na Índia e no Brasil, por exemplo”.

Segundo a Socióloga Steren (2001, p.170 – 198), a teoria Maxista ensina, por exemplo, que “o sistema capitalista se desenvolve através da acumulação do capital e que a reprodução do sistema exige a busca permanente da mais-valia e lucro”. As relações de exploração foram caracterizadas como o principal explicativo da

origem do valor e também como a mola propulsora da crescente desigualdade e exclusão. Para se obter a mais-valia, de acordo com Marx, citado por Catani (1999, p.28) “seria preciso que o possuidor do dinheiro descobrisse no mercado uma mercadoria cujo valor de uso fosse dotado da propriedade singular de ser fonte de valor”, uma mercadoria cujo processo de consumo fosse, ao mesmo tempo, um processo de criação de valor; criação de mais-valia. “E essa mercadoria existe: é a força de trabalho humano”. O seu uso é o trabalho e o trabalho cria valor.

A socióloga diz que o problema das crises é um dos temas fundamentais cuja análise, se processa a queda e tendência da taxa de lucro. “A tendência inexorável do sistema a transitar da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro e a concorrência das periódicas crises de produção”. E, assim, “o novo tipo de colonialismo econômico” também se traduz pelos meandros da chamada “Globalização” no qual fortalece o poder hegemônico dos meios de produção. Alimentando ainda mais o poder dominante, um dos maiores responsáveis pela gestão e distribuição da capital mundial: o sistema bancário internacional. Este impõe seus interesses diretos sobre a grande maioria da população. Ela ainda ressalta que a desindustrialização dos países da periferia já é uma realidade, e isso tem um importante impacto sobre as taxas do desemprego. “Existe uma política deliberada da classe hegemônica para tornar o Terceiro Mundo especializado na produção de matérias-primas”, especialmente produtos agrícolas, o que se “constitui um retrocesso à era colonial”. Ao mesmo tempo, pretendem que estes países sejam consumidores cada vez mais vorazes dos produtos industrializados provenientes dos países desenvolvidos.

### **2.3.3 Colonialismo cultural**

Para entender essa última forma de colonialismo, é importante destacar alguns conceitos de “cultura” descrita por Laraia (1986, p. 62). A primeira, ela cita o autor W. Goodenough, conceituando cultura como um sistema de conhecimento: “consiste em tudo aquilo que alguém tem que conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade”. A segunda abordagem é aquela que considera cultura como sistemas estruturais, ou seja, a perspectiva desenvolvida por

Claude Lévi-Strauss, que define cultura como “um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”. O seu trabalho tem sido o descobrir na estrutura dos domínios culturais – “mito, arte, parentesco e linguagem – os princípios da mente que geram essas elaborações culturais”. Outra abordagem bastante relevante para contribuir com a pesquisa, também citada por Laraia (1986, p.63), a cultura como um sistema simbólico, elaborada por Clifford Geertz e David Schneider: “um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras e instruções que os técnicos de computadores chamam de programa”. E, desta forma, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos a receber um programa. Sendo assim, com esta abordagem é possível compreender como o homem se torna refém da cultura do seu meio e qual é a importância para uma sociedade, saber viver e respeitar a sua cultura e a das outras sociedades. Dando assim a relativa importância aos seus bens culturais para fortalecer e sustentar o desenvolvimento de um povo. E, de acordo com Lévi-Strauss (1996, p.66), “a necessidade de preservar a diversidade das culturas num mundo ameaçado pela monotonia e pela uniformidade”, referindo-se à globalização e padronização. Lévi-Strauss (1996, p.40) diz que a “originalidade de cada uma delas reside antes na maneira particular como resolvem os seus problemas e perspectivam valores”.

A dominação cultural é um dos três pilares que mantêm os impérios. Colonialismo cultural é uma forma de se alterar sutilmente a cultura de um grupo de indivíduos (território, região, país) por meio da manipulação dos meios de comunicação (cinema, televisão, etc.), fazendo com que muitas vezes estes sejam despossuídos de parte dos seus bens culturais. É uma estratégia usada pelo imperialismo para manter seu domínio. Para Ianni (1979, p. 20) “A produção da cultura faz parte das relações de interdependência, alienação e antagonismo que caracterizam as relações capitalistas de produção”. Ele também ressalta os vários tipos de manifestações da cultura imperialista que aparece nos meios de comunicação de massa e nos sistemas de ensino, conforme operam nos países colonizados e dependentes, Ianni (1979, p.7). No capítulo III do livro *Imperialismo e Cultura* o autor Ianni (1979, p.22) mostra a cultura e reprodução internacional do capital, ele aponta o capitalismo como modo de “produção material e intelectual, engendrando idéias,

noções de valores e doutrinas”. De acordo com Ianni (1979, p.24) as bases da indústria cultural do capitalismo, pois, nascem com próprio sistema das “relações de apropriações e de dominação”.

No livro cultura brasileira organizada por Bosi, ele destina um capítulo para o texto de José Marques de Melo “a televisão como instrumento do neocolonialismo: evidências do caso brasileiro”. Nesse capítulo, Melo (1979, p.167) refere-se ao teórico Edgar Morin como um dos primeiros analistas do fenômeno da indústria cultural a chamar a atenção para um aspecto eminentemente político da expansão dos meios de comunicação de massa no mundo contemporâneo. Ele destaca a função colonizadora desempenhada por esses veículos disseminando mercadorias culturais que “penetram a grande reserva que é a alma humana”. Sua argumentação tem como base a circunstância que o início do século marca o apogeu do poder industrial e, conseqüentemente, a mutação estrangeira para dominação territorial.

A análise da programação da TV brasileira, no que se refere à origem da produção, permite identificar uma situação de colonialismo cultural. Mais de 80% do espaço dos programas exibidos são ocupados por material proveniente de universos culturais diversos da população à qual se destina. Melo (1979, p.172)

Segundo Melo, citado por Bosi (1979, p.168) a preparação do colonialismo cultural pelos Estados Unidos da América na América Latina, após a segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, o desenvolvimento da indústria cultural na América Latina, tem sido parte do esforço de modernização empreendido no continente para adaptá-lo melhor às funções que lhe estão reservadas na nova “divisão internacional do trabalho”.

De acordo com Morin (1984, p. 14), uma das formas de colonialismo cultural é pela cultura de massa. O autor define cultura de massa a produção maciça da fabricação industrial: propaganda pelas técnicas de difusão maciça destinada a uma massa social, uma aglomeração gigantesca de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes e família, etc.). Morin diz que uma cultura orienta, desenvolve e domestica certas virtualidades humanas. Segundo Morin

(1984, p.15), uma cultura fornece pontos práticos imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; “ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário que cada um guarda no interior de si (sua alma), o ser semi-real semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade)”. Morin enfatiza que a cultura de massa é uma cultura: constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas. Sendo assim, entende-se que o colonialismo cultural ainda mais que os outros tipos de colonialismo, afeta o aspecto psíquico de uma sociedade, e, por meio de instrumentos criados pelo meio da comunicação, manipula e direciona uma sociedade. E, de acordo com Morin (1984, p.17), a cultura de massa é ordinária, feia e emite qualquer juízo de valor.

### **3 Teorias**

#### **3.1 Tipos de Teoria**

##### **3.1.1 Mass medie**

Wolf (2001, p.13), diz que Mass medie “constitui, simultaneamente, que um importantíssimo sector industrial, um universo simbólico objecto de um consumo maciço, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual quotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo, etc.”. Entende-se que a massa é composta por “um conjunto de homogeneidade dos indivíduos” enquanto seus membros são, essencialmente, iguais, indiferenciáveis mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos e de todos os grupos sociais, Wolf (2001, p.25). Fica compreendido que todas as camadas sociais podem fazer parte da massa, “mass medie”. De acordo com essa teoria, os meios de comunicação podem, em princípio, exercer influência e persuadir, Wolf (2001, p.46). Um dos fatores, assim como o processo de industrialização que contribuíram para a formação de uma sociedade de massa foi o enfraquecimento dos laços tradicionais (de família, comunidade, associações de ofícios, religião, etc.) para afrouxar o tecido

conectivo da sociedade e para preparar as condições que conduzem ao isolamento e à alienação das massas, Wolf (2001, p.24).

O autor Mauro Wolf cita a corrente teórica de Ortega y Gasset a qual descreve o homem-massa como sendo a antítese da figura do humanista culto. Esse antagonismo revela uma espécie de homem “mediocre”, incapaz de definir, discernir”. O pensamento do homem médio, mediocre é condicionado pelos domínios da comunicação incapacitando-o de avaliar o interesse escuso do dominante, Wolf (2001, p. 24). É que veremos ao entender a teoria Hipodérmica. “A massa subverte tudo o que é diferente, singular, individual, tudo o que é classificado e selecionado”. “Desintegração das culturas locais”, Wolf, (2001, p.26).

“Constituem [os meios de comunicação de massa] simultaneamente um importantíssimo setor industrial, um universo simbólico objeto de consumo de massa, um investimento tecnológico em contínua expansão, uma experiência individual cotidiana, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de passar o tempo (um entretenimento) etc” (WOLF, citado por Venício A. de Lima, 1987, p. 9).

### 3.1.2 Hipodérmica

“Cada elemento do público é pessoal e directamente ‘atingido’ pela mensagem” Wolf (2001, p.22). Essa teoria atribui as primeiras características manipuladoras dos meios de comunicação que fizeram parte da história. Dentre elas, a propaganda do fascismo e nos período de guerra, (2001, p.26). Segundo Wolf, a teoria hipodérmica está ligada ao objetivismo behaviorista, à ação e comunicativa como uma mera relação automática de estímulo e resposta. O modelo de comunicativo da teoria hipodérmica, “E > R (Estímulo e Resposta)” de acordo com Wolf, pode ser considerada mais do que um modelo. Lund citado por Wolf, faz uma observação a respeito da unidade natural dos estímulos:

“Dever-se-ia falar de uma teoria da acção elaborada pela psicologia behaviorista. O seu objectivo é o estudo do comportamento humano com os métodos de experimentação e observação das ciências naturais e biológicas. O sistema de acção que distingue o comportamento humano deve ser decomposto, pela ciência psicológica, em unidades compreensíveis, diferenciáveis e observáveis. Na relação complexa que existe entre o organismo e o ambiente, o elemento crucial é representado pelo estímulo; esse estímulo inclui os objectos e condições exteriores ao sujeito, que produzem uma resposta. <Estímulos e respostas parecem ser as unidades naturais em cujos termos podem ser descritos os comportamentos> A unidade de estímulo/resposta exprime, por isso, os elementos de qualquer forma de comportamento”. Wolf (2001, p.27)

É possível entender que o ser envolvido pela comunicação de massa, é dotado de anatomia, biologia e fisiologia. E tudo isso é controlado pelo cérebro que está sujeito a manipulação da comunicação de massa. De acordo com Katz – Lazarsfeld, citado Wolf (2001, p.28) “Os mass media constituíram <uma espécie de sistema nervoso simples que se espalha até atingir olhos e ouvidos, numa sociedade caracterizada pela escassez de relações interpessoais e por uma organização social amorfa>”. Sendo assim, entende-se que a teoria hipodérmica independente do gênero: sexo, idade e etnia fazendo o processo de homogeneidade entrar em ação, não oferecendo resistência a classe destinada. Mas, depois dos anos 30, segundo Wolf (2001, p.29) o modelo desenvolvido por Lasswell traz uma opção para o cidadão inteligente, ajuda a desenvolver a teoria hipodérmica e traz uma forma de resistir ao processo de manipulação induzido pelos meios de comunicação. Um modelo que leva em consideração os fatores amórficos: “quem diz o quê, através de que canal e com que efeito?”. E, diferente do antigo processo hipodérmico, esse leva em consideração os relacionamentos “interpessoais”.

### **3.1.3 Funcionalista**

Constitui em uma abordagem global aos meios de comunicação de massa. A teoria funcionalista dos mass media passa dos estudos dos efeitos para o estudo das funções. Wolf, (2001, p.62). O autor explica que essa teoria, diferente da hipodérmica, tem seus aspectos mais funcionais, refere-se às funções exercidas pelo homem na sociedade, seus efeitos. Saliendo os aspectos sociais e não os psíquicos

comportamentais. Wolf, (2001, p.64). A teoria funcionalista estuda as relações entre o indivíduo, a sociedade e os meios de comunicação.

### **3.1.4 Culturológica**

“É o estudo da cultura de massa, distinguindo seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objeto de consumo”. Wolf (2001, p.100). A teoria culturológica analisa a cultura de massa como um sistema cultural. Formando um conjunto de “símbolos, valores, mitos e imagens”. Valores esses que se misturam e ajudam a formar a consciência de uma sociedade. Outros aspectos que pertinentes aos fatores culturológicos são os da cultura de massa. Segundo Wolf (2001, p.1003), a lei fundamental da cultura de massa é o mercado e a sua dinâmica resulta do seu diálogo contínuo entre produção e consumo. O autor conclui o estudo desta teoria citando uma afirmação de Edgar Morin, “a cultura de massa contribui para enfraquecer todas as instituições intermediárias: desde a família até as classes social, para constituir uma aglomeração de indivíduos, a massa ao serviço da supermáquina social”. É possível compreender que a cultura de massa é um agente dominante que delimita uma sociedade aos interesses políticos e industriais.

### **3.1.5 Indústria cultural**

De acordo com Wolf, a indústria cultural é um dos processos que contribui para alienação do homem médio. Um agente que pode deixar esse público vulnerável para os meios de dominação. Para que possamos entender o que é indústria cultural, será necessário antes conhecer sua origem.

A indústria cultural como sistema, foi utilizada pela primeira vez por Horkheimer e Adorno na Dialética do iluminismo (texto iniciado em 1942 e publicado em 1947), onde se descreve a transformação do progresso cultural no seu contrário, a partir de análise de fenômenos sociais característicos da sociedade (...), entre os anos 30 e os anos 40. Nas notas anteriores à edição da Dialética do iluminismo, empregava-se o termo “cultura de massa”. A expressão foi substituída por “indústria cultural” para o suprimir, e desde o início a interpretação corrente das próprias massas, de uma forma contemporânea, (2001, p.84).

A indústria cultural, segundo Wolf, possui múltiplas táticas de estratégia de domínio com suas mensagens “ocultas e subliminares”, ele aponta uma delas chamada de estereotipização que atua, e atinge diversas áreas na qual manipula e direciona o cidadão envolvido. Contribuindo esse meio para a alteração de uma cultura, ditando padrões e normas a serem seguidas.

Os estereótipos são um elemento indispensável para se organizar e antecipar as experiências da realidade social que o sujeito leva a efeito. Impedem o caos cognitivo. A desorganização mental, constituem, em suma, um instrumento necessário de economia na aprendizagem. Como tal, nenhuma actividade pode prescindir deles; toda via, na evolução histórica da indústria cultural, a função dos estereótipos alterou-se e modificou-se profundamente. A divisão do conteúdo televisivo em vários gêneros (jogos policiais, comédia, etc.) conduziu ao desenvolvimento de formas rígidas, fixas (...) (2001, p.91)

Freitas (2004), também cita Adorno e Horkheimer, diz que na suposta transparência plena do discurso publicitário, identificam um dos principais motivos pelos quais a indústria cultural se mostra como mais uma das faces de regressão do esclarecimento ao mito à medida que a suprema racionalização coincide com a manutenção eterna da ordem social vigente.

## **4 Discurso e Linguagem**

Para que possamos entender a aplicabilidade dos efeitos teóricos descritos em um campo discursivo, precisamos compreender o funcionamento da fala, da linguagem e do discurso.

### **4.1 Discurso**

A dicotomia existente entre língua e fala usa o discurso como ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. No cotidiano do cidadão brasileiro a comunicação televisa usa a língua portuguesa direcionada pela fala discursiva. Para que possamos entender, será necessário buscarmos algumas conceituações. Segundo Brandão, (1991, p.19), o termo ideologia, citada por Chauí, é uma doutrina irrealista, sectária, sem fundamento objetivo e perigosa para a ordem

estabelecida. Sendo assim, a ideologia serve para criar uma visão ilusória da realidade como se fosse realidade, a ideologia organiza-se “como um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” Brandão (1991, p.21).

Entende-se que, quando o locutor direciona seu discurso com fins ideológico, poderá exercer função de dominação e, assim poderá intervir, direcionar o sujeito que ele conduz. Podendo comprometer a cultura de um país, território ou nação a sofrer o processo de “massificação”. O exemplo da assujeitamento ideológico define bem esta observação. Faz com que cada indivíduo “sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade”. E, desta forma, o cidadão poderá ser induzido a identificar-se ideologicamente “com grupos ou classes de uma determinada formação social”. E, ainda, o sujeito induzido tende a pensar que suas escolhas são “livres e pueris”.

Uma outra definição necessária para contribuir com a pesquisa, é o entendimento de sujeito na perspectiva da análise do discurso. A noção de sujeito é empregada não apenas com um ideal, imanente; “o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia”. Dessa forma, o sujeito não é a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem. Brandão, (1991, p.92), cita Pêcheux, “a ilusão discursiva do sujeito consiste em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz”. Sendo assim, o homem médio se torna uma presa fácil, que poderá ser manipulado de acordo com os interesses propostos do dominador.

Depois das devidas elucidações podemos compreender melhor o que quer dizer “discurso”. Segundo Brandão (1991, p.89), citando (Orlandi), discurso é o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se a uma concepção de língua como mera transmissão de informação). “O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz, significa em relação ao que

não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outro discurso”. Assim, o locutor torna-se “uma função enunciativa que o sujeito falante exerce e, através da qual se representa como um discurso”. É o ser apresentado como responsável “como dizer”, mas não é um ser no mundo, pois trata-se de uma discussão discursiva. Outro termo a ser entendido, que compõe o discurso são as regras de formação: “são regras constitutivas de uma formação discursiva”, possibilitando a determinação dos elementos que a compõem, Foucault, citado por Brandão, apresenta-as como um sistema de relações entre os objetos do discurso, os diferentes tipos de enunciação que permeiam o discurso, os conceitos e as diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, “permitindo ou excluindo certos temas ou teorias”. (1991, p.28).

E a respeito dessa formas de estratégia de dominação discursivas Brandão, cita algumas idéias de Foucault:

a - A concepção do discurso considerado como prática que convém da formação dos saberes, e a necessidade, sobre a qual insiste obsessivamente, de sua articulação com as outras práticas não discursivas. b- O conceito de “formação discursiva” cujos elementos constitutivos são regidos por determinação “regras de formação”. c – Dentre esses elementos constitutivos de uma formação discursiva ressalta-se entre enunciado e (que em diferentes formas de jogos enunciativos singularizam o discurso) e o enunciado (que passa a funcionar como unidade lingüística básica, abandonando-se, dessa forma a noção de sentença ou frase gramatical com essa função); d – a concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico: o discurso não pode ser mais analisado simplesmente sob seu aspecto lingüístico, mas como estratégico de ação e reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquivas também como luta; e – o discurso é o espaço em que saber e poder se articula, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (o saber institucional), é gerador de poder; f – a produção desse discurso gerador de poder é controlada selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que tem por função eliminar toda e qualquer função ameaçada à permanência desse poder. Brandão (1991, p. 31).

De acordo com Brandão, o discurso é uma instância em que a materialidade ideológica se concretiza. A autora explica que a ideologia faz parte da

constituição do discurso, ela “materializa” o discurso, tornando-o manipulador e dominante.

“Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem, necessariamente, como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discurso são governados por formações ideológicas.” Brandão, (1991, p.37),

## 4.2 Linguagem

Para se obter um discurso eficiente, é necessário o bom emprego da linguagem. Segundo Brandão (1991, p.91), linguagem, na perspectiva discursiva, não é vista apenas como um instrumento de comunicação, de transmissão de informação ou como suporte do pensamento. A linguagem é um meio de interação, “um modo de ação social”. Nesse sentido, é um lugar de conflito, “de confronto ideológico” em que a significação se apresenta em toda sua complexidade. Quanto à língua, a autora Brandão (1991, p.91), cita a dicotomia estabelecida pela semiologia de “Saussure” entre língua e fala: “A língua é o sistema abstrato, virtual ou potencial, enquanto a fala é o ato lingüístico concreto, é o uso que cada indivíduo faz da língua”. A autora afirma que a “linguagem só existe como atividade, língua e fala não se excluem, pois se a fala é a realização concreta da língua, aquela não existe sem esta”. E a necessidade de se ter uma integração social, faz da língua uma ferramenta da comunicação. Conseqüentemente, a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como um lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, Brandão (1991, p.11).

Um outro aspecto da teoria lingüística que contribui para a análise e o entendimento desse trabalho e o estudo da Semiótica. Começamos, primeiramente, com o significado da palavra signo: “unidade lingüística que tem significante e significado”.(dicionário Aurélio). Também pode ser "Signo, uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele". Existem três aspectos de extrema importância para linguagem ditados por “Peirce”: primeiridade, tem relação com o sentimento. Secundidade: “existência, dependente, relativo, aqui - agora, choque, determinado, polaridade e ação-reação”. E por fim, A terceiridade que significa “signo, continuidade, semiose, aprendizagem, cognição, tempo, mediação, lei, mente e se encontra no terreno da razão”. “É a síntese intelectual ou o pensamento em signos, a medição entre nós e o mundo”. Centro de estudo Peirceanos, (PUCSP).

#### **4.3 Discurso e linguagem como forma de poder**

De acordo com Marx e Engel, citados por Brandão as idéias, tem valores nas quais podem direcionar e conduzir qualquer história.

“As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual (...) Á medida que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e distribuição de idéias dominantes da época”, Brandão (1991, p.20).

Brandão ressaltando a concepção de ideologia marxista: “É um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéia de todos”. É possível observar que a linguagem propagada por uma boa articulação discursiva constitui um processo de domínio no qual o mais forte sempre tentará impor sua forma de pensar para que assim consiga ter o controle. Sendo assim, o livre-arbítrio deixa de fazer parte de um processo de escolha democrático de direito e passa a compor o sistema ditatorial.

Segundo Brandão, a dominação tem uma função:

“Toda autoridade procura, segundo seus sistemas políticos, legitimar-se e, para tal é necessário que haja correlativamente uma crença por parte dos indivíduos nessa legitimidade. Como a legitimação da autoridade demanda mais crença do que os indivíduos podem dar, surge a ideologia como justificador da dominação”, (1991, p.25).

## **5 Jornalismo**

### **5.1 Definição de Jornalismo**

Existem várias definições para jornalismo, Koszyk e Pruys citado por Kunczik, (2001, p.13), diz que “jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que comentam o fato do momento”. Diz que essa definição de jornalismo é estabelecida quanto a uma análise de conteúdo, isto é, na busca da “apuração dos fatos”. O autor explica que, mais que uma “comunicação de massa”, o “jornalismo não é entretenimento”. Para Marcondes Filho (2000, p. 9), “O jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a ‘verdade’, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie”. Mas, para Weber, citado por Kunczik, (2001, p.20), ele definia a prática da imprensa como um “comércio capitalista” de propriedade, com duas classes de clientes: leitores e anunciantes. Kunczik, (2001, p.13), cita Bücher, dizendo que para ele, parte do editorial de um jornal está “subordinado ao objetivo de conseguir lucro”.

E com essas conceituações, entende-se que para se obter, o bom jornalismo, é necessário ter comprometimento ético moral. A verdade precisa estar em primeiro lugar. Pois, o jornalismo é um instrumento em que seus agentes, os jornalistas, fiscalizam a sociedade e os três Poderes. Tendo o compromisso com a verdade dos fatos acima de qualquer coisa. A prática do jornalismo é um ato de responsabilidade, pois possibilita interferir no mundo. Influência no comportamento da sociedade, instigando a opinião pública na concepção das coisas e fatos. O jornalismo é uma agente que integra a mídia aos meios de comunicação, exerce grande influência na sociedade, opinando e criando normas de conduta. Ser jornalista é assumir a produção das notícias com fidelidade aos fatos, de modo a informar. “É ser coerente e honesto na construção da informação que deve ser de interesse da sociedade, é revestir-se de comprometimento para o bem comum”. (Jornalista Reinaldo César). A responsabilidade ética do jornalista não é uma missão fácil, os veículos de grande notícia estão envolvidos no grande capital da lucratividade e lidar com essas diversidades e vencê-las é um constante desafio.

## **5.2 Imparcialidade e Jornalismo**

A imparcialidade é um tema que aflige a prática dos jornalistas, principalmente nos dias de hoje em que o sistema capitalista, como foi visto, corrompe e enfraquece todos os laços... Em algumas definições de ser jornalista é possível notar a linguagem poética, já em outras retratam um outro lado, o do comércio. Para Kunczik, (2001, p.13), cita Reich, “A redação de jornais, que é a profissão mais nobre e santa e merece ser altamente respeitada, tornou-se, no entanto, a profissão mais profana graças aos empurrões e pressões de empresários insaciáveis e à vileza dos jornalistas, cujo trabalho vulgar e comercial é muito danoso à saúde psíquica e moral do povo”. Mas ainda é possível encontrar instituições que lutam pelo bom jornalismo. A Imparcialidade, é o termo que faz parte da vida ética do jornalista, levar a notícia sem nenhuma tendência partidária, pessoal, ter compromisso com a informação, com a verdade. Sendo assim, para que possamos fazer a análise de discurso do objeto de pesquisa, que será estudado no próximo capítulo, é importante ressaltar o comprometimento que o jornalista deve ter com o seu código de ética (FENAJ -

Federação Nacional dos Jornalistas). Código esse, estabelecido para manter a conduta moral ética do jornalismo. Na primeira parte capítulo, o código de ética dos jornalistas brasileiros fala sobre o direito à informação:

“O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”. Entende-se que o jornalista deve informar e não formar opiniões, não podendo criar o caráter de manipulação.

“A mídia determina a ordem do dia da sociedade: ela não pode ditar às pessoas *o que* pensar, mas decide *no que* elas vão pensar. Sobre os assuntos que lhe interessam, as pessoas formam por si mesmas uma opinião – e, aliás, a opinião da maioria impõe-se muitas vezes à mídia” (BERTRAND: 1999, p. 61).

O código deixa claro que “o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão”. Sendo assim “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores”. O código salienta a importância na produção da informação “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”. E, enfatiza que “a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante”. E, quanto à verdade, o código de ética não demonstra nenhuma dúvida: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”. Um outro ponto de extrema relevância para elucidar as questões do objeto de pesquisa é quanto a questão nacional, quanto ao papel do jornalista brasileiro: “defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural. Preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais”.

Sendo assim, pode entender-se que a responsabilidade do jornalista está acima do sistema vigente, o capitalista. É necessário que ele siga as normas éticas, preservando o pacto com a sociedade de confiança e lealdade. Conseguindo assim, realizar seu trabalho com credibilidade e total imparcialidade.

“A ética jornalística não é apenas um atributo intrínseco do profissional ou da redação, mas é, acima disso, um pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público, num ambiente em que as instituições democráticas sejam sólidas. A ética interna das redações e a ética pessoal dos jornalistas devem ser cultivadas, aprimoradas e exigidas”.(BUCCI: 2003, p. 25).

### 5.3 Jornalismo na televisão

O “4º poder”, Kunczik, (2001, p.45), pode-se entender que é o poder de noticiar, de transmitir, informar toda uma sociedade. E, com a televisão, a informação passou a atingir e a fascinar com o áudio e vídeo um maior número de pessoas. A televisão é considerada por muitos como um dos meios de comunicação de massa.

Cerca de 58% das famílias fazem as refeições e costumam conversar com a TV ligada, e 61% das novas gerações vêem mais TV durante as refeições. Ao dormir e acordar, em diversos casos, a TV gera a primeira e a última imagem do dia para milhões de pessoas, de um lado, pela informação canalizada pelos programas noticiosos. Bezerra, (1999, p18).

E a comunicação de massa pode ter alguns interesses escusos. Segundo Theodor Adorno, citado por Melo (1979, p.168), a “televisão ocupa um papel excepcional, pela possibilidade que tem de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que o autor define como a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho em sonho”. “O discurso oral e a imagem formam substrato da difusão de mensagem pela mídia”. Belloni (2001, p.59). Entende-se que a televisão é uma forma de deixar o discurso ainda mais convincente, “a telinha mágica seduz e hipnotiza os telespectadores”. Sendo

uma outra idéia muito ligada à televisão e ao telejornalismo é a de “espetacularização”. Para Marcondes Filho, citado por Hernandes, (2006, p.121), “a idéia de espetáculo se liga mais fortemente à TV do que qualquer outro veículo: Telejornais, como ‘shows da vida’, extraem dos fatos toda sua explosividade e os transformam em variedade e diversão”.

Para Antônio Brasil, professor de telejornalismo da UERJ, citado por Hernandes (2006, p.120) afirma que: “boa parte das pesquisas ainda é pouco científica, preconceituosa e ingenuamente ideológica”. “A TV e o telejornalismo, em especial, podem dar margem a opiniões díspares”, concluiu.

Segundo Hernandes, (2006, p.121), se o telejornalismo quisesse ser realmente mais “analítico” ou “sério” ou mesmo tivesse pretensões estéticas “deveria utilizar outras mídias”. Pois, “cada vez que tenta ser mais ‘profundo’, tem, como consequência, a perda da atenção e, o que é pior, da audiência”.

E, de acordo com Pierre Bourdieu, citado por Hernandes (2006, p.120), que o poder da televisão e de seus produtos é ameaçador: (...) expõe a um grande perigo as diferentes esferas da produção cultural, arte, literatura, ciência, filosofia, direito: “creio mesmo que, ao contrario do que pensam e dizem, sem dúvida com toda boa-fé, os jornalistas mais conscientes de suas responsabilidades, ela expõe a um perigo não menor a vida política e a democracia”.

## **6 Jornal Nacional**

### **6.1 História do Jornal Nacional**

Segundo João Roberto Marinho no prefácio do livro *Jornal Nacional: a notícia faz história*, (2004, p.11) A origem do Jornal Nacional se deu bem antes de 1º de setembro de 1969 quando foi “ao ar pela primeira vez”. Ele relata que as raízes do Jornal Nacional estão no jornal criado pelo seu avô Irineu Marinho, chamado: *A Noite* em 1911 e *O Globo* em 1925. Sendo assim, após a morte do fundador, assume o neto:

Roberto Marinho. João Roberto Marinho diz que o Jornal Nacional foi criado para ser um jornal de massa. E, depois de 20 anos que o Jornal Nacional entrou no ar, Roberto Marinho realizou um sonho fez surgir no Brasil a televisão de rede. De acordo com João Roberto Marinho, o Jornal Nacional foi também o criador de uma nova linguagem jornalística no Brasil, inspirado no modelo “americano”. Ressalta que “nem um outro órgão da mídia tem o alcance da Rede Globo, se algo acontece em qualquer cidade do Brasil, é na Globo que os brasileiro se informam”.

“No início o Jornal Nacional tinha apenas 15 minutos de duração, sendo transmitido de segunda a sábado. As edições eram divididas em três partes: local, nacional e internacional. As manchetes, em geral, curtas e fortes eram lidas alternadamente por dois apresentadores de maneira rápida e ágil”. Memória Globo (2004, p.11). E, em abril de 1990, houve mudanças substanciais na central Globo de Jornalismo. Os diretores Armando Nogueira e Alice-Maria responsáveis pelo Jornal Nacional deixaram seus cargos depois de 24 anos na emissora. Assumindo o comando, Alberico de Sousa Cruz trouxe grandes novidades para o Jornal Nacional. Uma delas foi a descentralização, transferindo a responsabilidade das notícias para o “editor chefe”.

## **6.2 Jornal Nacional X Discurso e Poder**

O objeto de estudo escolhido chamou atenção pelo seu “poder de persuasão”, como cita Hernandez, (2006, p.119) e por ser “o mais antigo e famoso Telejornal”. O discurso proferido pela apresentação diária do Jornal Nacional merece a atenção porque há décadas impõe-se como linha e formato editorial a ser seguido e, O Jornal Nacional “é um dos principais programas da TV Globo” Globo (2004, p.288). Será analisado o discurso do apresentador e editor chefe do Jornal Nacional William Bonner. Que, segundo Memória Globo (2004, p.287), assume o cargo, juntamente com Lílian Witte Fibe, em março de 1996, substituindo os apresentadores Cid Moreira e Sergio Chapelin. O motivo da substituição era colocar à frente do telejornal “jornalistas profissionais envolvidos com a produção das matérias. Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas”. E, assim William Bonner passou a

ser o responsável pelos assuntos nacionais. Mas, em setembro de 1999, Marona, que era editor-chefe desde 1996, foi chefiar o jornalismo de Brasília. “Bonner acumulou, então, as funções de âncora e editor-chefe” do Jornal Nacional, Memória Globo (2004, p.294). Entende-se que, antes de apresentar as notícias que irão ao ar, William Bonner edita-as, isto é, antes de escrever as chamadas das notícias, ele assiste a todas as matérias e tem o poder de escolhê-las. O editor-chefe seria uma espécie de comandante, tendo total responsabilidade sobre as matérias veiculadas.

“O Jornal Nacional vai ao ar entre duas novelas no começo da noite, depois que grande parte dos telespectadores realizou as principais tarefas do dia. Tudo isso é determinado pela estrutura do programa e pelas principais estratégias de gerenciamento de atenção do público-alvo”. Hernandez, (2006, p.124). Esse trecho do livro “a mídia e seus truques” mostra-nos que a estrutura do Jornal Nacional é construída para capturar a atenção do telespectador usando técnicas de psicologia e publicidade.

De acordo com a matéria publicada pelo sociólogo, jornalista e professor da Escola de Comunicações e Artes da USP Laurindo Lalo Leal Filho na revista Carta Capital (nº. 71, dezembro de 2005): o apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional William Bonner, define o seu público como “homem médio”: Homer, de Os Simpsons (é um personagem de desenho animado criado em 1989 por Matt Groening para Os Simpsons, uma série de televisão da Fox Network). “Seria um sujeito preguiçoso, burro e que adora ficar no sofá, assistindo TV, comendo rosquinhas e bebendo cerveja, ou seja, alguém parecido com Homer, o famoso personagem da série Os Simpsons”. Segundo essa matéria, esse é um dos motivos que a escolha dos principais assuntos a serem transmitidos para milhões de pessoas, em todo o Brasil, seja feita superficialmente, “quase sem discussão”.

### **6.2.1 Estados Unidos da América e não Estados Unidos é a América**

A análise de discurso proposta deste trabalho é tentar identificar, compreender se há “colonialismo cultural” com influência política cultural dos Estados

Unidos na cultura brasileira e, conseqüentemente, na vida dos seus cidadãos. O foco proposto aqui é o de analisar o discurso do apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional: William Bonner. Quando esse jornalista, de credibilidade nacional, emite no seu discurso, o termo “Americano” ao cidadão nascido nos “Estados Unidos da América” excluindo, direta ou indiretamente, o resto dos países que compõem o continente “Americano”.

“Quando o nome América apareceu, pela primeira vez, no mapa de Waldseemüller, identificado a parte do globo que viria a ser chamado Novo Mundo, configura uma unidade geográfica sem fronteiras. Mais tarde, os conhecimentos acerca dos seus acidentes geográficos, clima e população demonstraram a extrema diversidade do continente. A evolução das sociedades americanas viria a destacar e aprofundar as suas diferenças, apesar da semelhança dos seus processos históricos. Um dos fatores de diferenciação é a diversidade étnica e cultural das sociedades americanas. (...) Brancos, negros e índios distribuem-se desproporcionalmente de uma região para outra, tanto que se pode falar de uma América branca (a Anglo-Saxônica e os países do Prata), uma América índia (os países andinos), uma América hispano-índia (as áreas centro-americanas e o Paraguai) e uma América negra (parte das Antilhas), sem esquecer os países de mestiçagem multirracial como o Brasil. Além de línguas diferentes, os grupos populacionais que vieram para América trouxeram outros elementos culturais de suas áreas de origem, o que explica a variedade de costumes, tradições e culturas populares do continente”. Aquino (1991/1993, p.1).

Sendo assim, pode-se entender que A República Federativa do Brasil situa-se no continente Americano.

“Em 1492, quando a bota espanhola pisou pela primeira vez nas areias das Bahamas, o almirante acreditou que estas ilhas eram uma ponta da fabulosa ilha de Cipango no Japão”. Galeano (1986, p.23). Este trecho do livro “As Veias Abertas da América Latina” narra a descoberta da América por “Cristóvão Colombo”. E, de acordo com Ianni (Artigo IEAUSP), América Chamou-se América em homenagem a Américo Vespúcio quem teve a clareza sobre o descobrimento que Cristóvão Colombo não soube nomear; descobrimento do continente que faltava no mapa do mundo, para compor os quatro continentes e a cartografia indispensável para a dinamização do mercantilismo e cristianismo, contribuindo assim para a gênese do ocidentalismo.

“Em 1618 (...) está província do Brasil é conhecida no mundo com o nome de América (...)” Trecho do livro dicionário etimológico da língua portuguesa de José Pedro Machado, onde discorre a respeito da origem da palavra América.

### 6.2.2 Análise: Jornal Nacional X Discurso e Poder

Na noite de sexta-feira do dia 28/09/07, como de costume, “entre duas novelas”, foi ao ar o Jornal Nacional. Em sua apresentação veiculou a matéria intitulada: “Presidente dos EUA quer que país lidere o combate ao aquecimento global”:

**William Bonner:**

O presidente George W. Bush afirmou que os “americanos” devem liderar o... mundo no combate à emissão de gases que provocam o aquecimento do planeta, mas sem que isso prejudique a economia dos EUA.

**Repórter Luis Fernando Silva Pinto:**

A Casa Branca apostou alto na conferência sobre o aquecimento global promovida em Washington. Delegados dos dezesseis países convidados, entre eles o Brasil, ouviram o presidente “americano” propor a criação de um fundo internacional para financiar o desenvolvimento de fontes de energias não poluentes. (...) o presidente “americano” acredita que no futuro será possível produzir energia sem poluir.

A respeito das teorias citadas anteriormente, a dicotomia existente entre língua e fala usa o discurso como ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. O fenômeno lingüístico aqui proferido no discurso de William Bonner e de seu repórter foi a palavra “americano” como se fosse apenas uma questão “semântica”. Mas não é bem assim o que mostra as teorias. O valor e o significado mais clássico contido perde-se progressivamente, desintegrado pela relação deste vocábulo, reduzindo, com isso, sua importância histórica e seu valor cultural.

No caso analisado, o termo apropriado ao se referir aos Estados Unidos da América seria “estadunidense”, segundo o dicionário Aurélio esse termo é um topônimo, próprio do lugar. Entende-se que, até mesmo “norte-americano” poderia

comprometer todo um território, sendo que o Canadá e o “México” também compõem a América do Norte.

O jornalista, apresentador e editor-chefe William Bonner, como foi narrado, definiu o público do Jornal Nacional como homem médio, Homer de Os Simpsons. “(...) um sujeito preguiçoso, burro e que adora ficar no sofá, assistindo TV, comendo rosquinhas e bebendo cerveja”. Sendo assim, pode-se entender que o jornalista tem pleno conhecimento da teoria da Mass medie. Wolf descreve (2001, p.13), Mass medie como um dos processos para massificação, sendo “(...) um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social (...)”. E de acordo com Wolf o homem médio é um cidadão simples, de fácil manipulação que não tem o senso crítico apurado, ficando assim, suscetível ao bom senso e à ética do “jornalista”. Também é possível compreender que a massificação “orienta e/ou influencia (o indivíduo) por meio da comunicação de massa no sentido de transformá-lo e/ou estereotipá-lo as reações e a conduta”, segundo Dicionário Aurélio.

E, de acordo com Wolf (2001, p.91): a (...) indústria cultural tem a função de estereotipar e alterar, profundamente qualquer cultura. Sendo assim, aplicando essa teoria ao nosso objeto de estudo, é possível constatar que a imagem do estereotipo de “super-herói”, “de bom moço” de “homem de família” do apresentador William Bonner, associado a sua notória credibilidade e confiança do público do Jornal Nacional, facilita que o seu discurso tenha o efeito dominante. E, como foi discorrido nas teorias, quando o discurso dominante impera “faz com que suas idéias passem a ser idéia de todos”. E, como já foi constatado, é possível observar que a linguagem propagada por uma boa articulação discursiva constitui um processo de domínio que o mais forte sempre tentará impor sua forma de pensar para que consiga ter o controle. Então, o livre-arbítrio deixa de fazer parte de um processo de escolha democrático de direito e passa a compor um sistema de ordem ditatorial. Essa suposta ditadura discursiva apresenta, no caso do objeto estudado, o fortalecimento hegemônico da potência “estadunidense”. A supremacia de um país sobre os outros países, fazendo com que o público “médio” do Jornal Nacional passe acreditar na existência de uma

hierarquização e de um único dono da “América”, impondo, nesse público massificado pelo processo televisivo, um “colonialismo cultural”, como citado por Eduardo Galeano:

“... perdemos o direito de chamarmo-nos americanos.” “Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação”. (1986, p. 13).

Constata-se que o discurso proferido pelo apresentador William Bonner apresenta características ideológicas. A ideologia serve para criar uma visão ilusória da realidade. Segundo Brandão (1991, p.21) a ideologia:

“organiza-se como um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer”.

Sendo assim, é possível compreender que esse discurso tende ferir o código de ética do Jornalista, onde diz: “defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural. Preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais” (O jornalista deve: Art.12. VII e VIII). O uso incorreto da palavra “americano”, proferida no jornal diário, poderá massificar e, conseqüentemente, excluir todos os outros países de fato também americanos, como, por exemplo, o Brasil, fortalecendo o domínio de uma outra cultura no território brasileiro, execrando e exterminando um passado histórico de luta e de conquistas culturais desde o descobrimento da “América”.

## 7 Conclusão

A pesquisa apresentada neste trabalho não teve a pretensão de ser conclusiva, mas de contribuir com o meio acadêmico e com o trabalho científico. Assim, tem-se consciência de que o trabalho monográfico é o princípio de inserção no processo de pesquisa.

Verifica-se na pesquisa que: A cultura de um país é importante para o aprimoramento e o desenvolvimento de um povo, estabelecendo a identidade e respeitando a diferença e prioridade que lhe cabem. Entende-se que o povo de um país terá condições de escolha, exercendo o Estado Democrático de Direito. Contatou-se que o uso da palavra “americano” empregada pelo editor-chefe do Jornal Nacional William Bonner poderá contribuir com o processo de dominação e fortalecimento do eixo hegemônico estadunidense. Aferiu-se que o mau uso da língua portuguesa, quando proferido por um jornalista com credibilidade nacional, poderá acarretar no processo de ruptura da imparcialidade, ferindo a ética e a fidelidade com a sociedade brasileira. Com isso, perde-se a principal característica do jornalismo, que é a de informar e não a de formar e massificar opiniões.

O emprego incorreto da linguagem desrespeita a propriedade lingüística, sua procedência etimológica e sua importância histórica. Pode-se constatar, de acordo com as teorias pesquisadas, que o colonialismo cultural poderá favorecer a cultura de um país dominador estrangeiro.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **História das sociedades americanas**. Rio de Janeiro: eu e você Editora LTDA, 1991/1993.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação** – Campinas, SP (Coleção polêmica do nosso tempo; 78): 2001.

BEZERRA, Wagner. **Manual do telespectador insatisfeito** - São Paulo: Summus, 1999.

BRANDAO, helena h Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. 7ª edição - CAMPINAS: UNICAMP , 1991.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**. 4ª edição - São Paulo: ática, 1999.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. 2ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

**Código de Ética do Jornalista Brasileiro**  
<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1004>  
 Acesso em: 01/10/2007 às 10h 20.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. 34ª edição - São Paulo: Brasiliense, 1999.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é o Imperialismo** - São Paulo: Abril Cultura Editora Brasiliense S.A, 1985.

DEYON, Pierre. **O mercantilismo** - São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1973.

DORFNAN, Ariel / e / MATTELART Armand. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 2º edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa** - 3ª edição – Rio de Janeiro: Fronteira, 1999.

FERRO, Marc. **O livro negro do colonialismo** - Rio de Janeiro : Ediouro, 2004.

FREITAS, Verlaine. **Revista de Filosofia** - Belo Horizonte: Kriterion vol.45 no.109, 2004.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2004000100010&script=sci\\_arttext&tlng=](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2004000100010&script=sci_arttext&tlng=)  
 Acesso em: 30/09/07 às 1h 26.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. 23ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Imperialismo Greco-Romano**. 3.ª edição - São Paulo, Editora Ática S.A, 1994.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para capturar e manter a atenção do público** – São Paulo: Contexto, 2006.

IANNI, Octaviano. **Imperialismo e cultura**. 3ª.edição - Petrópolis, Vozes 1979.

IANNI, Octávio. **Enigmas do Pensamento Latino-Americano**  
IEAUSP - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo  
<http://www.iea.usp.br/iea/artigos/iannienigmas.pdf>  
Acesso em: 05/10/2007 às 10h 21.

IRWIN, William. CONARD, Mark T. SKOBLE, Aeon J. **Os Simpsons e a filosofia** – São Paulo: Mandras, 2004

#### **Jornalista Reinaldo**

<http://blog.cancaonova.com/jornalistareinaldo/compromisso/>  
Acesso em: 05/10/2007 às 8h 53.

#### **Jornal Nacional:**

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM736543-7823-PRESIDENTE+DOS+EUA+QUER+QUE+PAIS+LIDERE+O+COMBATE+AO+AQUECI+MENTO+GLOBAL,00.html> : Acesso em: 05/10/07 às 21h 55.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 9ª edição – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. 5ª edição, Lisboa: editora Presença 1996.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. 2ª edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KATCHATUROV, Karen Armenovitch. **A Expansão ideológica dos EUA na América latina : doutrinas, formas e métodos da propaganda dos EUA** – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.

Kunczik, Michael. **Conceitos de Jornalismo** : Norte e Sul : Manual de Comunicação. 2ª. edição – São Paulo: Com-Arte, 2001.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. 4ª edição – Lisboa: Livros horizonte, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. 2ª edição – São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MOSSÉ, Claude. **Síntese de História Grega**. 1ª edição – Lisboa: edição ASA, 1994

MORIN, Edgar. **Cultura de massa do século XX**. 6ª edição - Rio de Janeiro: Forense, 1984.

PARKER, R.A.C. **História da segunda guerra mundial**. 1ª edição – Portugal: Edições 70 Lisboa, 1989.

PETRAS, James. Entrevista: Revista PUCVIVA nº 06. **O Mercosul é mera formalidade**  
[http://www.apropucsp.org.br/revista/r06\\_r09.htm](http://www.apropucsp.org.br/revista/r06_r09.htm)  
Acesso em: 20/09/07 às 23h 27.

PETRAS, James. **Hegemonia dos Estados Unidos no novo Milênio** – Petrópolis - RJ: Vozes 2000.

SANTOS, Tânia Steren dos. **Globalização e exclusão: A dialética da mundialização do capital**: ano 3, nº 6 - Porto Alegre – RS: 2001.  
p. 170 – 198 : <http://www.pucsp.br/pos/cos/cepe/semiotica/semiotica.htm#1>  
Acesso em: 28/09/2007 às 10h 17.

SAVELLE, Max Villa. **A civilização Atlântica** - Belo Horizonte: Rica editora, 1990.

**Saddam Hussein convoca muçulmanos para a "guerra santa"**:  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG56568-6013,00.html>  
Acesso em: 23/09/07 às 19h 33.

WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação**. 6ª edição – Lisboa: Editora Presença, 2001.

ZAHAR, Jorge. Jornal Nacional – **A notícia faz história** – Memória Globo. Rio de Janeiro: Editor, 2004.